

## Discurso do orador da turma, Oswaldo Ferreira.

*Exmo. Dr. Director da Faculdade de Direito.*

*Mestres.*

*Exmas. Senhoras.*

*Senhores.*

Encantadora singularidade a dos meus companheiros de turma, escolhendo, num requinte de generosidade, o mais obscuro dos seus pares afim de traduzir o nosso pensamento neste instante em que attingimos á méta da nossa peregrinação academica.

Investigando os motivos determinantes de tão honrosa escolha, o meu raciocinio não encontrou sequer um que me satisfizesse por completo. E si acceitei o mandato com todas as condições preestabelecidas, é que, sem abstrahir da minha personalidade, me habituei a servi-lhes de mandatario desde quando a fortuna me proporcionou o gratissimo ensejo, que bemdigo, de encontrá-los na encruzilhada da vida.

Assim, máo grado a carencia absoluta de credenciaes intellectivas, não me pude furtar de obedecer á vontade collectiva dos excellentes amigos componentes desta turma que hoje se dissolve objectivamente mas cujo vinculo affectivo perdurará para toda a vida.

E aqui me encontro com a minha palavra inexpressiva e sem apuro, para dizer o adeus da despedida aos mestres queridos e aos condiscipulos; para dizer das idéas que nos inspiram neste momento da partida; para traçar o nosso programma de acção na vida publica.

\*

\*\*

Senhores. — Eis mais um punhado de bachareis em sciencias juridicas e sociaes entregues ao Brasil pela Faculdade de Direito do Recife.

Mais uma pleiade de authenticos idealistas é o que somos nós outros.

Não coramos, com falsa pudicicia, em proclamá-lo nestes tempos tão profundamente utilitarios. Somos dos que entendem que “nada cabe esperar daquelles que entram para a vida sem se ater a um ideal”.

Com effeito, já passaram os tempos dos sonhadores e dos illuminados, dos prophetas e dos visionarios, para quem, outróra, convergiam as vistas do mundo. Taes especimens do genero humano estão mumificados nas paginas da Historia, circundados nas suas aureolas de martyres, de heroes, de semi-deuses.

Hoje tudo isto desapareceu da face do mundo moderno. Ha até quem sustente que no

regime economico tambem os juristas tem de desaparecer — o que importa na predicção do anniquilamento do direito.

Emquanto porem não chegarmos a esse regime de completa solidariedade social pelo equilibrio economico, vamos permanecendo no Imperio de Sua Magestade o Interesse, onde os prototypos humanos são os argentarios omnipotentes, onde os *leaders* da humanidade são os homens de negocio, os *money makers*.

Os altos ideaes da humanidade cuja elaboração custou seculos de lida e soffrimento, aos artifices da intelligencia e do sentimento, são hoje coisas despresiveis e somente levadas em consideração no que não se chocam com os interesses individuaes de utilidade immediata.

De modo que a mais absorvente preocupação do homem moderno é ganhar dinheiro para poder gosar da vida o seu quinhão de prazer.

Alludindo a este character accentuadamente utilitario dos tempos que correm, cumpre fazer uma resalva.

Sem duvida o utilitarismo é um mal antigo. Tão antigo que, si formos pesquisar suas raizes, vamos encontrá-las nas cavernas do homem primitivo — o que equivale dizer que nasceu com a humanidade.

Tem sido mesmo erigido em corpo de doutrinas com principios coordenados e devidamente systematisados.

Assim etiquetadas conhecem-se differentes doutrinas philosophicas, desde as que na Grecia antiga eram pregadas por Aristippo e seus

discipulos, para quem o unico esforço digno do homem era o que se destinava á procura do prazer, até as theorias da moral utilitaria que pregaram Hobbes Helvetius, Bentham, Stuart Mill.

E' de notar porem que semelhantes doutrinas tem uma alta finalidade qual seja o bem estar humano, o equilibrio da sociedade.

Mas o utilitarismo a que me refiro tem por base um ferrenho egoismo e por escopo unico a satisfação de interesses materiaes e appetites grosseiros do individuo.

A sua preponderancia vem se accentuando cada vez mais, á medida do desenvolvimento industrial e da expansão commercial dos povos.

Não pretendo negar a influencia do factor economico na actividade humana. Mesmo porque entendo que o *primo-vivere* — é um brocardo de evidencia axiomática, ou para melhor dizer : assim na esphera biologica individual como na sociedade a primeira e mais imperiosa das necessidades é a nutrição. Isto é indiscutivel. Mas o homem, que occupa o apice da escala zoologica, tem attributos especificos, isto é, ao lado das suas qualidades animaes estão as suas qualidades hominaes. E na sua duplice natureza animal e hominal tem concomitantemente necessidades imperiosas.

Os aggregados sociaes, quer sejam aggregados humanos, quer sejam os dos animaes inferiores vivem sob o imperio do factor economico.

Mas emquanto estes se organisam incon-

scientemente pelo instincto de conservação, os homens são dotados de uma consciencia social que não é mais do que a somma das consciencias individuaes, como doutrina Ickio Vanni na sua theoria sobre o principio gerador das sociedades. O que é evidente tambem é que nos aggregados sociaes humanos os factores economicos, em que pese aos economicistas, estão subordinados aos factores psychicos.

Dominando conscientemente a sua animalidade, polindo as arestas dos sentimentos egoisticos, dando expansão ao pensamento, o homem creou a moral, o direito, a industria, a arte, a sciencia — alicerces graniticos em que se apoia o edificio gigantesco da civilização.

Em busca de uma perfeição fulgida ou das miragens de uma felicidade encantada a humanidade caminha sustentando lutas incessantes atravez de um úmmeno martyrologio, muitas vezes elevando-se a culminancias deslumbrantes, outras vezes recuando e enoitando-se em trevas caliginosas, para depois resurgir mais elevada, mais clarificada, mais extreme de impurezas, com um patrimonio mais amplo de conquistas e de idéas, com harmonias novas e novas energias creadoras.

Olhae para a historia das diversas civilizações e comprovereis a veracidade deste aserto — expressão da lei do progresso — que De Greef eschematisou sob a forma de uma linha helicoidal e Goethe tambem na expressão geometrica de uma espiral ascendente cuja curva se alarga á medida que ascende,

E nesse *devenir* continuo que é a evolução do universo através do tempo, cada vez mais se apuram os sentimentos de altruismo, de sympathy, de amor, de solidariedade, cada vez mais se radicam no espirito da nossa especie as ideas elevadas que nos conduzem para o Bem, para o Bello e para o Justo — sentimentos e ideas que são as verdadeiras forças propulsoras do mundo na marcha ascendencial para os seus altos designios.

A principio foram as religiões que, como o sol, surgido no oriente, procuraram illuminar as trajetorias da humanidade... Depois succederam-se os esplendores da civilização Grega em que a philosophia e a arte elevaram o homem a uma dignidade incontrastavel.

Para mostrar a influencia exercida pelo genio hellenico nos destinos humanos, para dizer da magnificencia das suas grandezas immortaes para exalçar a philosophia de um Socrates, de um Platão ou de um Aristoteles ou para cantar a esthetica sublimemente encantadora daquellas estatuas e daquelles monumentos talhados nos bronzes de Eginã ou na immacula brancura dos marmores de Paros, fora mister a elegancia mental e o genio de um espirito hellenico...

Com o eclipse da Grecia surgiu Roma, a gloriosa conquistadora. Desta basta dizer que foi a genetriz do direito, ou para melhor falar, que realizou o *processus* de differenciação da sciencia do Justo de que desabrochou a idéa grandiosa do Estado — a mais fecunda das concepções da romana civilização.

Que formidavel amplitude não teve a

curva descripta pela espiral do progresso com o surgir do Direito!

Senhores. — Neste Templo augusto onde se professam os ensinamentos de tão magnifica sciencia, onde se cultuam os postulados de suas fecundas doutrinas, eu não commetterei o sacrilegio de, perante os Doutores da Lei, fazer o elogio do Direito.

Tudo quanto por ventura conseguisse dizer no meu estylo tropego e desencantado ficaria muito aquem, muito a perder de vista, dos hymnos que lhe tem tecido os supremos cantores das suas maravilhosas harmonias.

Eu pretendo apenas accentuar o coeфициente de vantagens e de beneficios com que o direito amoedou o patrimonio moral da especie, a elevação e o impulso que imprimiu no espirito humano.

Mas para isto teria que esboçar a historia de todos os povos, a synthese de todos os movimentos sociaes pois que o direito é a força dynamica da sociedade. “Sem elle, disse Edmond Picard, as proprias victorias são este-reis e as reformas precarias.

“E’ uma illusão procurar o progresso noutra parte que não no Direito e o Direito noutra parte que não na Justiça.

“Quando o Imperio se desmantelou, os romanos estavam mais instruidos, mais civilizados e mais intelligentes do que nunca foram em epoca alguma, mas não possuíam já as qualidades de character que tinham assegurado a sua grandeza e o sentimento do Direito — já não era para elles mais que uma palavra.

“Desgraçados dos povos que se deixam apoucar : nada impedirá a sua queda, nem o ensino, nem a liberdade, nem a abundancia, nem as artes!

Si tudo isto é verdade, que missão tutelar o contribuir para estabelecê-lo solidamente, para ensinal-o, para espalhar-o, e quanto esta missão é digna dos corações bem formados!”

Senhores. — Foi o fascínio resplandecente deste ideal que inflamou os corações de todos nós e nos impelliu para esta Faculdade — o mais celebrado centro de cultura jurídica do Brasil.

Em aqui chegando voltámos as nossas vistas para o passado desta escola e, neste olhar retrospectivo, ante a nossa retina desfilou o cortejo garboso das ruidosas gerações que foram um dos elementos mais preponderantes na formação do patrimonio intellectual do nosso paiz.

Revedo os seus annaes, contemplámos estasiados as vibrações adoraveis do espirito academico, as justas literarias de estudantes quaes Tobias e Castro Alves em cujos rebentos inspirados se vê o “borbulhar do genio”.

Ouvimos, em seguida, Tobias, o sabio mestre, inconfundivel, com as coruscações de sua palavra incendiada, a evangelisar a juventude, descortinando ao Brasil as novas perspectivas scientificas, vulgarizando a cultura germanica e estabelecendo entre nós os novos methodos dos estudos juridicos, philosophicos, literarios e criticos — inaugurando, por assim dizer, uma nova mentalidade, qual noutra sentido, fizera, na Allemanha, Goe-

the — a poderosa culminação espiritual que foi o ponto de partida de nova época literaria.

Descobrimo-nos reverentes ante os vultos notaveis de Paula Baptista, José Hygino, Sylvio Romero, Phaelante, Martins, Clovis e tantos outros filhos espirituaes desta genetriz augusta que tem gerado grande parte da mais brilhante porção da nossa intellectualidade.

Depois... — porque não dizê-lo? — vimos o eclipse. Arrefecera a intensidade da vida estudantina da velha academia pernambucana. A critica indigena annunciou então a derrocada da escola do Recife, que incontestavelmente marcou uma phase de grande feracidade na floração do pensamento patrio. E tão carregadas são as tintas com que se esboça o quadro do nosso declinio intellectual, que, neste ambiente evocativo de um passado digno de admiração, nos sentimos, ás vezes, envolvidos numa como serenidade sombria de necropole.

Comparando o quadro exageradamente pintado pela critica com aquella exuberancia palpitante de vida das gerações passadas, os contemporaneos mergulham o espirito numa infinita angustia, numa immensa nostalgia... E' que, como já disse Dante Alighieri, o poeta da dôr, na melancolia deste terceiro expressivo :

“...nessum maggior dolore,  
che ricordarsi del tempo felice  
nella miseria”...

Isto porem não foi effeito de uma crise local.

Não n'ò comprehendendo, certos criticos assumiram a grotesca attitude de untuosos Jeremias chorando inconsolavelmente sobre as ruinas do Templo.

O raio visual destes, muito estreito que era só enxergava a decadencia da Faculdade de Direito do Recife. Não viam elles as multiplas causas que concorreram para o declinio da vida academica que, podemos dizer, soffreu uma verdadeira transformação. Alem disto, não viam elles que se operava em o nosso paiz um phenomeno de depressão politico social acarretando prejuizos de toda ordem.

Muitos porem comprehenderam e estudaram o quadro desolante da nossa crise, cuja repercussão se tem evidenciado em muitas facetas da existencia nacional.

Ainda estudando-o alguns o exageravam em sua genese e em suas consequencias.

Estes chegaram mesmo a proclamar a completa desaggregação da patria.

De tal geito que nas suas predicções de malfadados augures já viam bandeiras de estranhas côres drapejando ovantes nos mastros em que, numa docil melancokia, flutua ainda o auriverde pendão. Ha até quem sustente ser "isto" um paiz perdido em marcha vertiginosa para um protectorado. Demonstra-se. á saciedade, havermos recuado, principalmente em materia politica, para mais de três seculos : aos ominosos tempos dos capitães môres, senhores de baração e cutello que governavam, ao arbitrio absoluto de sua von-

tade omnipotente e despotica, esta terra da Santa Cruz, habitada pelos autochtonos e pelos colonos, aventureiros banidos do reino, de mistura com os outros elementos formativos de nosso povo de então massa amorpha e confusa de selvagens e de delinquentes. . .

Sem duvida ha muito exagero em taes affirmativas.

Penetrando-nos a civilização vae trazendo para estas paragens os beneficios das suas soberbas conquistas e os requintes seductores do seu luxo. Temos, principalmente na faixa littoranea, prosperas cidades cortadas de bellissimas avenidas e onde se ostentam chaccaras e palacios luxuosamente edificados em varios e curiosos estylos architectonicos.

Mas o nosso progresso, si este nome é cabivel, tem sido muito parcial, mesmo excessivamente lacunoso.

A physionomia da civilização brasileira é um complexo de anfractuosidades e contrastes. Parece reflectir, na multiplicidade incoherente e indefinida das suas antitheses, a diversidade das raças que formam o seu subso-lo ethnico, a diversidade dos seus factores physicos. Dá-nos a idéa de uma região onde, em parallelo com eminencias fortemente banhadas por um sol tropical, se veem tambem vales profundos, cavernas sombrias, onde nunca penetrou o rutilo esplendor da luz solar.

Neste amálgama interessante, ao lado de uma luzida intellectualidade, constituida em grande parte de verdadeiros autodidatas, vegetam, na mizeria multidões de desoccupados á

falta de profissão, analphabetos, sem pão e sem tecto, consumidos por molestias.

A par de centros commerciaes e industriaes de relativo desenvolvimento, vemos o immenso *hinterland* brasileiro desalmadamente devastado por processos rudimentares, obsoletos, que vão esgotando inexoravelmente a fecundidade do nosso solo prodigioso.

Não é mister vistas de sociologo para ver que o Brasil é uma nação ainda em estado em bryonario. Sobremodo retardada tem sido a sua marcha evolutiva.

O nosso todo nacional ainda não possui os elementos indispensaveis á formação de uma nacionalidade.

Para construi-la, temo-nos resentido de um senso de direcção. Direcção educativa, direcção politica, direcção social.

Dahi o estado pathologico em que se contorce o nosso paiz.

Não seria este o momento azado de investigarmos a etiologia dos males que nos affligem ou de indicar-lhes a therapeutica adequada.

Estudando a formação do Brasil, o Snr. Alberto Torres, no seu alentado trabalho "A Organização Nacional", ha publicado pouco mais de dois lustros, depois de uma aguda analyse da nossa mentalidade, das nossas instituições, dos nossos males, dos nossos problemas vitaes, chega a conclusões impressõnantes como esta : "E' evidente que a nossa organização politica envolve a realidade de uma profunda desorganização social e economica. Este estado não é uma nacionali-

dade; este paiz não é uma sociedade; esta gente não é um povo. Nossos homens não são cidadãos, não são pessoas, não são valores. Tudo quanto por elles se faz é dar-lhes má e insufficiente instrução”.

Nestas condições precarias já vinhamos da Monarchia quando inopidamente foi proclamada a Republica.

Installada por uma revolta das classes armadas, sob o influxo de uma propaganda de avançado liberalismo, a nossa Republica vae affirmando-se, cada vez mais, a mistificação inquietante de um regime cujo dogma fundamental é a soberania do povo.

Tem sido até agora a completa negação dos principios consagrados pela Democracia.

O povo brasileiro, ou mais exactamente, o nosso eleitorado — particula insignificante da população — não consegue nunca fazer valer sua vontade, que esta é constante e systematicamente annullada pela minoria que governa; não tem consciencia civica, que esta não conseguiu desabrochar com a Republica.

Nos primordios desta, diz-se, ainda houve uns resquicios de compostura, uns restos de pundonor civico, deixados pela monarchia, em que, de algum modo, se conta, havia partidos organizados e respeito pela opinião nacional ou pela verdade eleitoral. Ao encontro deste asserto citam-se factos registados pela historia monarchica, atraves dos quaes se destaca o nivel de civismo dos nossos homens publicos de então, a elegancia moral do estadista do Imperio.

Outra porem é a direcção da nossa gloriosa Republica.

Quem quer que seja pode obter a unanimidade dos suffragios electoraes dos seus concidadãos, mas não conseguirá ver respeitado o seu diploma si não tiver o beneplacito do poder executivo de que vão sendo méra funcção os outros poderes.

E assim vae esta curiosa Democracia — governo do povo por si mesmo. Cada etapa que percorre é mais um mundo de desillusões para os sinceros patriotas que presenciam decepcionados a fallencia politica do paiz, a crise do direito e da moral, a anarchia.

Inspirados por ambições de mando, pelos arrancos incontidos da demagogia contra o cazarismo, ou mesmo por impulsos insopitaveis de amor patriotico, succedem-se os motins, as convulsões da ordem publica.

Estas anormalidades tem resultado quasi sempre em prejuizos innumeraveis para a nossa existencia social e economica e para abalar os nossos creditos no exterior.

Pergunta-se : — foi para isto que instituiram a Republica ?

Senhores — Não se vejam nestas palavras intuitos de deprimir o regime politico que adoptamos, nem tampouco de discutir sobre a sedicã questã das formas de governo — ponto de direito publico de importancia secundaria para os que o fazem depender do estado cultural dos povos. Já o disse Pope, em versos de accentuada reflexão que alguns juristas costumam repetir :

“The forms of government let fools contest,  
Whater is best administred is best”.

Ademais o assumpto é saturado de um acre sabor demagogico, que, a despeito das influencias mesologicas, nos repugna ao paladar.

E o que carecemos, Senhores, não é de uma outra forma de Estado. O trabalho que se impõe ás gerações actuaes é o da reconstituição da nossa mentalidade. O que precisamos é de uma reforma mental de technicos, como bem o disse o erudito Snr. Pontes de Miranda, “e technicos de sociologia, de administração economica e financeira, de defesa social e militar, de producção, de distribuição e de consumo, de hygiene e de reconstituição eugenica do povo brasileiro”.

Mais ainda : precisamos de cultivar as nossas peculiaridades, de dar vida e robustecer as nossas tradições, de imprimir uma feição brasileira aquillo que nos é proprio. Cumprenos sobretudo trabalhar para a formação de u’a mentalidade nacional, porque a que nos foi herdada é uma planta exotica que não obstante a uberdade do solo, vae, aos poucos, fenecendo, crestada pela ardencia do nosso clima equatorial.

Viviamos uma vida de imprevidencia, numa inactividade morbida de aguas estagnadas. Era uma submissão completa ao principio que, em economia social a escola physiocratica expressou no “laissez faire, laissez passer”...

Apenas, de longe em longe, gritos de

protestos, doutrinarismos abstrusos, leis, regulamentos, decretos. . .

E nós nos quedavamos em seguida deixando-nos suavemente rolar para o abysmo.

Mas o cataclysmo horrendo da grande guerra que ha pouco a plethora industrial e os interesses commerciaes das grandes potencias desencadearam, abalando os alicerces da civilização, ensejou-nos uma acurada observação introspectiva de fecundos resultados.

Forçados, pelas contingencias, a olhar para dentro de nós mesmos, evidenciamos a instabilidade do nosso pseudo progresso, o brilho falso da nossa civilização emprestada — mal acabado *pastiche* da civilização europeá.

O Brasil quasi tudo importava do estrangeiro : desde o que concerne á sua existencia economica, como o pertinente ás producções intellectuaes.

O que é mais interessante é que até mesmo o seu estatuto republicano é constituído por principios, em verdade de muita elevação, mas muitos delles inadaptaveis ao nosso viver político, porque foram extrahidos das constituições de povos de differentes indoles.

Privados dos estranhos celleiros de onde quasi tudo lhe provinha, o Brasil encontrou-se, ex-abrupto, entregue ás suas possibilidades. Foi então que aquilatámos mais precisamente das proporções dos nossos erros passados, da amplitude das nossas desventuras...

Senhores. — Já disse alguém : “A dôr é a mais fecunda inspiração psychologica. Como é preciso que o ether vibre para que appa-

reça a luz, assim é necessario que a sensibilidade se commova para que o espirito entenda as coisas com clareza e a vontade proceda bem”.

Tanto aos individuos como aos povos a dôr é proveitosa.

Ella tem sido, vezes sem conta, a força impetuosa das reivindicações collectivas, a potencia dynamica das grandes resurreições sociais, a incomparavel lapidadora do caracter humano.

E' inspirado nos seus immensos infortunos que o Brasil se vae encaminhando para as suas verdadeiras directrizes.

De certo tempo a esta parte vai se esboçando em nosso paiz um movimento promissor de resurreição nacional que tem necessariamente de integra-lo no rythmo vital do mundo civilizado.

Conscientes das responsabilidades que cabem á geração actual na obra de soerguimento do Brasil, nós, os novos sacerdotes do direito, vimos abrir o sacrario da nossa alma de moços, e rezar a nossa profissão de fé.

Nós que o amamos, não apenas no theoricismo abstracto das suas formas de Estado, mas na realidade de todos os elementos que entram no conceito e na idéa de patria, nas suas origens e nas suas tradições, nos seus anceios e nas suas peculiaridades nacionaes, nas harmonias do idioma que falamos, no encanto da sua terra exuberante doirada pelo sol dos tropicos e coberta pela nesga docemente azullea desse céu transparente onde scintilla o cruzeiro do sul — nós, os bacharéis de 1925,

firmamos, nesta esplendente solennidade, o compromisso de concentrar todas as nossas melhores energias no sentido de bem servir á patria e á humanidade.

\*

\*\*

—Mais duas palavras. Aos preclaros professores desta Faculdade, apresentamos, de envolta com as nossas despedidas, os testemunhos do nosso profundo reconhecimento pelas memoraveis lições que nos deram no decorrer do nosso tirocinio.

Aos collegas que ficam, a essa mocidade e ruidosa e altiva, de cujo convívio amavel sentidamente nos apartamos — o nosso adeus.

E ao Paranympheo que muito propositadamente foi deixado para o fim, para fechar com chave de ouro esta fala desalinhada, — ao nosso dilecto mestre Professor Gervasio Fioravanti, jurisconsulto e poeta, cujo nome aureolado já se projectou para além das fronteiras da patria, pois que é citado com acatamento em obras de juristas da estirpe de Alimena; a esse velho que é todo mocidade e que tem um altar de admiração e de amizade no coração de cada um dos moços que por aqui passam, — o nosso grande abraço de affecto e de saudade.

Jamais esqueceremos o encanto das suas magnificas prelecções, em que, com a magia do seu estylo lapidar, nos iniciava no culto do direito. Não desse direito força — arma hedionda com que os fortes esmagam os opprimidos; não desse direito — “formula rigida

e severa”, que sanciona todas as sortes de espoliações, desigualdades e esbulhos... Mas de um direito sentimento que palpita na consciencia humana, que vive e aflora na alma da gente.

Ainda resoam sonoramente aos nossos ouvidos as ultimas palavras com que o Paranymphe querido se dirigiu em despedida á turma que hoje parte. Assim falou o mestre, na sua linguagem preferida de estheta, torturado pela ansia de perfeição : —

“Lei, formula rigida e severa,  
Quantas vezes tú feres a equidade!  
Justiça, és cega... e a paz nunca se alcança!  
(Quantos pesos terá tua balança!?)

.....  
—Tira-lhe a venda mocidade!”

---